

EDUCAÇÃO LIBERTADORA E LIBERDADE EXISTENCIALISTA: UM ENCONTRO ENTRE PAULO FREIRE E JEAN-PAUL SARTRE

MOREIRA, Janine – UNESC – jmo@unesc.net
ROSA, Marisa de S. Thiago – FURB – marisa@furb.br

Resumo

A teoria educativa libertadora de Paulo Freire é um instrumento de libertação de situações opressoras, a partir da conscientização que, por sua vez, é condição para a práxis. A teoria filosófica de Jean-Paul Sartre é um instrumento de desalienação ao implicar o homem com sua liberdade e, neste sentido, é uma teoria da ação. Freire tem em Sartre uma de suas referências, e ambos partem da Fenomenologia e do Materialismo Histórico Dialético. Este texto pretende apresentar alguns conceitos fundamentais de Sartre e colocá-los em diálogo com Freire, no intuito de refletir sobre as possibilidades que estas duas teorias, juntas, têm para o trabalho de profissionais para com o empoderamento de pessoas e grupos. O conceito de consciência transitiva crítica de Freire equivale ao conceito de consciência reflexiva crítica de Sartre, assim como a conscientização freireana equivale ao nascimento existencial sartreano. Ambas teorias se complementam em seu potencial de ação ao partirem das possibilidades do homem e do mundo, possibilidades situadas, mas sempre possibilidades, negando, portanto, qualquer forma de determinismo, o qual paralisa a ação. Elas capacitam a compreensão das determinações contextuais, nossa “unidade epocal”, em seu “tempo histórico” e a agir nele, com base na inesgotável capacidade de transformação humana no mundo, com base na liberdade. Liberdade para agir na construção da utopia, do “inédito viável”, superando a alienação e a má fé.

Introdução

A teoria educativa libertadora de Paulo Freire (Brasil, 1921-1997) é um instrumento de libertação de situações opressoras, a partir da conscientização que, por sua vez, é condição para a práxis. A teoria filosófica – apropriada pela psicologia – de Jean-Paul Sartre (França, 1905 – 1980) é um instrumento de desalienação ao implicar o homem com sua liberdade e, neste sentido, é uma teoria da ação. Freire tem em Sartre uma de suas referências, e ambos partem da Fenomenologia e do Materialismo Histórico Dialético.

Este texto pretende apresentar conceitos fundamentais de Sartre e colocá-los em diálogo com Freire, no intuito de refletir sobre as possibilidades que estas duas teorias, juntas, têm para o trabalho de educadores, psicólogos, enfim, profissionais dos diferentes saberes para com o empoderamento de pessoas e grupos.

Um ser de liberdade – a condição ontológica sartreana

Para Sartre, o homem é um projeto vivo, caracterizando-se por um movimento perene de negação do que foi (eu passado) na busca do ser que ainda não é

(eu futuro, seu desejo de ser). É o projeto sendo o próprio homem em movimento: “[...] o homem será apenas o que ele projetou ser” (SARTRE, 1987a, p.6).

Na concretude do projeto se forma a subjetividade, constituída a partir das experiências de um sujeito concreto, passando pela mediação dos grupos aos quais pertence. O homem interioriza uma exterioridade, que é sempre sociológica. Esse processo é diverso em cada indivíduo, porque depende de como o sujeito realizará a apropriação das experiências da vida de relações, de acordo com as mediações concretas do mundo, presentes na história de vida de cada um, resultando num saber-de-ser que é singular-universal, onde encontramos a inteligibilidade de uma época, que se organiza numa inteligibilidade específica, a do ser daquele sujeito. Essa interioridade, porém, só pode existir no mundo se exteriorizada, o que se dá através da objetivação, na práxis. Não há interiorização subjetiva sem a sua exteriorização objetiva no mundo, o que nos permite constatar que o homem é uma *subjetividade objetivada*. No dizer do autor, o homem vive o universal como particular. Conhecendo-se o homem conhece-se sua época, e conhecendo-se a época conhece-se o homem, porque um está intrinsecamente, dialeticamente, formando o outro. A objetivação é guiada pela escolha do indivíduo, limitada pelo contexto sócio histórico, mas não deixando de ser escolha, visto ser a realização de um dos vários "possíveis" humanos. É a liberdade em Sartre, uma dimensão ontológica do homem.

Porém, o mundo é uma obra de vários autores, o homem não tem o total controle do resultado de sua ação nele, porque esta ação irá se unir ao conjunto das ações humanas, ao nível coletivo, muitas vezes tendo para o outro um sentido diverso do que se pretendeu. É a alienação a nível ontológico, própria das relações humanas, o que significa que não há como garantir que a finalidade pretendida se concretize, tendo em vista que o mundo é uma construção coletiva, necessitando, para tanto, do tecimento dos projetos individuais num projeto coletivo.

Para a teoria existencialista, há duas formas de consciência, a irreflexiva (sem Eu) e a reflexiva (com Eu). A consciência irreflexiva pode ser percipiente (posicional de um objeto real) e imaginante (posicional de um objeto irreal). A consciência reflexiva pode ser espontânea – posicional do objeto e não posicional do Eu para si – e crítica (posicional do objeto e posicional do Eu para si). A consciência espontânea é aquela com a qual se vive a maior parte do tempo, que não posiciona o Eu para si, ou seja, que não questiona sua situação no mundo na relação entre consciência e objeto. A consciência crítica é aquela que situa o Eu no mundo, questiona o sentido da ação do Eu no meio social, as consequências das escolhas individuais para a construção

do Eu que se deseja sempre entre os outros. É por meio da consciência crítica que se dá o nascimento existencial, quando o homem se vê como liberdade – e não determinado – e inserido em um mundo do qual não pode se desvincular; quando entende que é responsável por suas escolhas. Quando ele se desaliena. E não há como viver o nascimento existencial sem sentir angústia, que Sartre denomina “a angústia da liberdade”: a certeza de que se será um ou outro, de acordo com as escolhas que fizer.

Sartre afirma que o homem, muitas vezes, não quer se ver enquanto liberdade, ao contrário, quer sentir-se seguro diante de situações que entende que o determinam, não lhe restando nada a fazer, a não ser viver o determinado, ou as escolhas de outras pessoas.

Desta forma, as situações vividas pelo homem em seu cotidiano, criadoras das condições materiais de sua alienação, se não formadas por ele, são por ele mantidas em sua práxis a partir da cumplicidade para com estas situações. Tal atitude de cumplicidade decorre exatamente da problemática da liberdade, trazida ao cenário do pensamento moderno pelo existencialismo, e implica também a discussão da “má-fé”, atitude que consiste na tentativa de, ao evitar a angústia da liberdade, mentir para si próprio, buscando negar o confronto do sujeito consigo mesmo e com os outros, como sendo o resultado das escolhas feitas, pela insuportabilidade em assumir-se plenamente como sujeito que faz e é feito pela história. Para Sartre, ao agir engajadamente, o homem não escolhe apenas a si próprio, mas também escolhe a humanidade: “[...] na verdade, devemos sempre perguntar-nos: o que aconteceria se todo mundo fizesse como nós?” (SARTRE, 1987a, p. 7).

A história se faz num movimento perene de totalização, destotalização, retotalização. O homem é uma "totalização em curso" porque é inacabado, fazendo-se a cada momento, assim como a história humana. O homem é uma totalização de ações, guiadas pela inteligibilidade na qual estão inseridas, e ao mesmo tempo, dialeticamente, ajudam a manter, ou a mudar. As mudanças propiciam a destotalização deste conjunto, para retotalizá-lo novamente, a partir de outros padrões, através de ações concretas, na objetivação da subjetividade.

Aproximações entre Sartre e Freire

Sartre e Freire partem da compreensão fenomenológica da consciência enquanto intencionalidade. A consciência é sempre consciência de alguma coisa, que está fora dela mesma, transcendente a ela, e não dentro dela. Por isso o homem é um ser

de relação, e só se humaniza em relação com outros homens, tendo o mundo como mediação, assim como os homens também são mediação para os outros homens. Ambos partem também da base materialista histórica, em que o homem surge em um mundo já construído por outros homens, e que se foram construindo na exata medida em que construam o mundo. Por isso, ao surgir no mundo feito por outros, este é sempre um ponto de partida, não de chegada, não de determinação. O mundo traz condições objetivas para a existência, mas esta transcende estas condições e recria o mundo, ou o aceita. Homem e mundo são inacabados.

A liberdade para Sartre é condição ontológica do homem, graças ao fato da consciência (condição transfenomênica do sujeito), ainda no plano ontológico, não possuir conteúdo, sendo que dela nada emana, ela não possui interioridade, mas é através dela que o homem consegue se relacionar com o mundo que o circunda, formando, a partir dessa relação - homem, que é corpo-consciência, e o mundo, cujo fundamento é o em-si, - seu próprio saber. Aí está o fundamento da liberdade, da ausência de qualquer determinismo e de qualquer natureza humana, e que o impele a se inventar a cada instante, já que não existe nada que o determine a ser de um jeito ou de outro. Nesse sentido, ele não vai poder nunca deixar de escolher, mesmo que escolha para ele a escolha dos outros, e assim, pelas escolhas, vai construindo a si e ao mundo. A consciência reflexiva crítica (constitutiva do ser do homem) possibilita ao homem o nascimento existencial (acontecimento antropológico, pois relativo à vida de relações), rumo à realização de seu desejo de ser, que tem várias possibilidades, em situação concreta objetiva (liberdade em situação).

A liberdade em Freire é a realização da vocação ontológica do homem, que é o “ser mais”, entendido como transcender-se. O “ser mais” é realizado em comunhão com outros homens, pelo diálogo, que possibilita a conscientização. Esta se dá a partir da consciência transitiva crítica – conceito que equivale ao de consciência reflexiva crítica de Sartre -, que possibilita a libertação – em termos reflexivos e de ação -, a emersão do homem da situação que o “engolia”, na qual se via como passivo.

O conceito de conscientização em Freire equivale ao de nascimento existencial em Sartre, uma vez que são acontecimentos sociológico-antropológicos. A consciência e a liberdade em Sartre são do domínio ontológico, pois são constitutivos do ser do homem. Em Freire, a consciência também é ontológica, porém, a liberdade é decorrente, em termos antropológicos, do “ser mais”, este sim, ontológico.

Talvez uma tarefa que se nos impõe seja recuperar radicalmente a dimensão da liberdade humana. Isto significa engajar-se na construção de si e do mundo –

construção que ora continua, ora modifica – imbuída do rumo que levará aonde se quer chegar. Isto implica ter a certeza do inacabamento do homem e do mundo, respirando-se a possibilidade do vir a ser, do inédito viável. Os processos de intervenção comunitária, partindo da liberdade do homem, seriam possibilitadores da assunção de seu ser enquanto um ser livre, que se encontra em tal situação por conta de suas próprias escolhas em meio às escolhas alheias e a um certo mundo objetivo com o qual se depara, retomando-se pois, que o homem nasce livre. O papel do educador comunitário – tomando este termo como genérico - seria o de levar um grupo, grupo formado por pessoas, à localização, precisamente, dessa sua condição no mundo, mediando seu processo de transcender-se para o seu campo de possibilidades de ser, muitas vezes não alcançado pela mistificação que envolve exatamente a natureza de seu ser (natureza aqui tratada como aquilo que o caracteriza), compreendida e aceita por ele – homem e grupo - a partir da cultura dominante como uma natureza determinada por condições exteriores, diante das quais só resta a conformação. Obviamente, tal mistifício propagado pela cultura dominante tem o objetivo claro de manter o homem nessa escuridão, a fim de alcançar seus interesses e propósitos de dominação. Ao dar-se conta que, até o momento se fez um ser conformado e amedrontado, esse mesmo homem poderá ser diferente ao conscientizar-se, segundo Freire, o que o levaria à libertação – ou seja, à emersão, tanto de sua situação existencial singular, quanto de sua situação existencial coletiva. Em Sartre, tal constatação também é condição para que o homem escolha mover-se em consonância com a sua própria constituição ontológica, como um ser livre que sempre foi, desde seu nascimento, ainda que possa não assumir essa sua condição entre os outros e as coisas; poderá escolher a má-fé, por julgar que a negação de sua liberdade é a melhor forma de continuar obtendo certos benefícios para si e para alguns outros que lhe interessam, pelos mais variados motivos. Contudo, assim mesmo, terá que assumir também o ônus dessa escolha, em detrimento de quaisquer benefícios, o que, em termos de coletivo, significa o grupo não constituir-se enquanto unidade com uma finalidade de superação de uma determinada situação.

Assim, ambas teorias se complementam em seu potencial de ação ao partirem das possibilidades do homem e do mundo, possibilidades situadas, mas sempre possibilidades, negando, portanto, qualquer forma de determinismo, o qual paralisa a ação. É necessário compreender as determinações contextuais, nossa “unidade epocal”, compreendê-las em seu “tempo histórico” e agir nele, com base na inesgotável capacidade de transformação humana no mundo, com base na liberdade. Estas duas teorias capacitam a intervenção rumo à construção de coletividades que não tenham

medo de dizer a sua palavra de contemplação do mundo; abertas a aprenderem entre si; que saibam dialogar na diferença; que possam estabelecer relações entre si de reciprocidade e autenticidade, de conquista do mundo e não de conquista do outro, como aponta Freire, ou da conquista da liberdade do outro, como aponta Sartre.

A condição ontológica de “ser mais” direciona o homem à compreensão de sua também condição ontológica de ser livre. Livre para agir na construção da utopia, do “inédito viável”. Conscientização e liberdade são conceitos que fortalecem a ação humana, seu sentimento de empoderamento, necessário na busca das condições concretas do agir como sujeitos conscientes de seu lugar no mundo.

Referências Consultadas

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 18. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. 184p.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam**. 48. ed. São Paulo: Cortez, 2006. 87p.

_____. **Educação como prática da liberdade**. 32. reimp. São Paulo: Paz e Terra, 2009. 158p.

SARTRE, Jean-Paul. O existencialismo é um humanismo. In: **Coleção Os Pensadores**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987a. p. 01-32.

_____. Questão de Método. In: **Coleção Os Pensadores**. 3. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987b. p. 109-191.